

Apresentação

É com alegria e satisfação que chegamos ao 30º número da revista Intexto, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Lançada em 1997, com duas edições anuais, a revista delimita seu escopo, a partir deste número, às Ciências da Comunicação, em busca de um maior foco na área e do aperfeiçoamento de sua linha editorial.

Inauguramos esta etapa com a renovação da Comissão Editorial, que conta agora com os professores doutores Alexandre Rocha da Silva, Ana Taís Martins Portanova Barros e Suely Fragoso. Também passamos a aceitar textos escritos nas línguas inglesa, francesa, italiana e espanhola, além da língua portuguesa. A busca de internacionalização da Intexto tem sido acompanhada pelo esforço de otimização dos fluxos editoriais, minimizando o represamento das contribuições recebidas, para que não somente os autores tenham um retorno ágil sobre suas propostas de artigos como também seu próprio conteúdo não sofra com a defasagem entre o momento de sua produção e de sua publicação, entravando, em última análise, o avanço do conhecimento, já que os cenários comunicacionais têm por característica rápidas mudanças.

O conselho editorial será proximamente renovado, com o objetivo de melhor atender as novas propostas da publicação. Outras novidades virão agilizar ainda mais os fluxos editoriais e promover a qualidade da revista, mas guardaremos estas surpresas para os próximos números.

Este 30º número já se mostra emblemático da nova fase, trazendo uma internacionalização de mais de 20% dos textos e uma grande diversidade de autores. São 15 trabalhos de 18 autores e coautores, afiliados a 14 diferentes instituições, nacionais e internacionais.

Na abertura, uma **entrevista com Benjamin Halligan** realizada por Marcelo Bergamin Conter. Halligan (University of Salford, Manchester, Inglaterra) fala sobre o ruído e o silêncio, considerados não só no contexto da música, mas também no da estética cinematográfica, das instalações artísticas, nos âmbitos industriais e pós-industriais; enfim, ruído e silêncio pensados como dispositivos não-verbais de produção de sentido na comunicação.

Ruídos e silêncios, estes dois extremos dos fenômenos auditivos, participam das alquimias festivas sublinhadas como características de nossas sociedades, assunto tratado por Michel Maffesoli (Sorbonne, França), no artigo seguinte, **Éros philosophe**, focalizando as comunhões emocionais que, valorizando o papel do imaterial, constroem uma religiosidade pós-moderna.

A emoção também é ingrediente fundamental em **A paixão da escrita**, texto de Cremilda Medina (USP), que descreve textos biográficos, autobiográficos, troca de correspondências e relatos pessoais para mostrar como o afeto transborda na memória escrita.

E é contra transbordamentos como esse que se instaura a dicotomia objetividade-subjetividade, denunciada por Flávia Dourado Maia (UFSC) em seu artigo **A dimensão simbólico-mítica do jornalismo para além da dicotomia objetividade-subjetividade**. A autora propõe o diálogo do jornalismo com as teorias do imaginário para procurar novos pontos de vista epistemológicos, abertos à dimensão simbólico-mítica.

Maria Terezinha da Silva (UFMG), em **Acontecimento: evocando sentidos, provocando ações: uma análise do mensalão**, apresenta os resultados de uma pesquisa de grande fôlego, baseada na análise de 1.269 textos jornalísticos sobre a Ação Penal 470, escândalo de corrupção política envolvendo compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional do Brasil, ocorrido em 2005 e 2006.

Questões da democracia, desta vez on-line, são tratadas também por Francisco Paulo Marques (UFRJ) em seu texto **Democracia on-line e o problema da**

exclusão digital, que encaminha conclusões apontando a necessidade de se ir além das políticas governamentais para se tratar adequadamente a questão, indicando a dependência de fatores contextuais e evidenciando a mobilidade do conceito de exclusão digital.

Um dos contextos a serem considerados certamente será o da relação entre liberalismo e democracia, questão aprofundada por Paolo Bellini (Università degli Studi dell'Insubria, Varese, Itália) em seu artigo **21st-century liberal democracy and its contradictions**. Bellini utiliza recentes teorias comunitaristas para interpretar as contradições das lutas democráticas no seio do processo de globalização.

Globalização que, entre outros fenômenos, traz a possibilidade de um indivíduo expor-se potencialmente para o mundo todo com a facilidade de um clique, tema do texto de Fernanda de Oliveira Gomes (UFRJ), **Internet, câmera, improvisação: a exposição de si no cenário das tecnologias digitais**. A autora mostra a intensificação das transformações de padrões comportamentais nas esferas sociais, artísticas e midiáticas a partir de um cenário contemporâneo de comunicação em rede, improvisado e performático.

Será que a pós-modernidade, das quais tais exposições também são marca, nos garante a contemporaneidade de nós mesmos? Será que finalmente nos livramos da disjunção denunciada por Marx que nos levava a compreender conceitualmente nosso tempo, mas sem vivê-lo existencialmente? Philippe Joron (Université de Montpellier III, França) diz que não em seu artigo **La société émotionnelle: postmodernité et non-contemporanéité**. O autor sublinha que o prefixo da palavra pós-modernidade abre-se para a não-contemporaneidade, da qual o espírito de nosso tempo estaria mais próximo do que da identificação plena com um aqui-agora.

O artigo de Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves (UFRGS), **Entre a heterogênes e o mercado: barbies olímpicas, pitboys e cyborgs**, fala das mudanças de identidade que as novas tecnologias possibilitam.

Já Mirian Redin de Quadros e Débora Cristina Lopes (UFSM), em **Rádio e redes sociais: novas ferramentas para velhos usos?** analisam a interatividade em emissoras informativas de Porto Alegre.

Várias temáticas publicitárias comparecem nesta edição, começando com **Performance e teatralidade na publicidade pervasiva: análise dos cases Skyfall e Fantastic Delites**, de Fernanda Carrera e Thaiane Oliveira (UFF), que apresentam a ideia de publicidade pervasiva, um tipo de ação publicitária que utiliza os princípios da computação ubíqua.

O teatro também é assunto do artigo **TV e teatro: atores e atrizes do teatro do ABC Paulista em relação à televisão**, de Paula Venâncio e Priscila Ferreira Perazzo (Universidade Municipal de São Caetano do Sul), que problematiza o teatro amador do ABC paulista na sua relação com os meios de comunicação no período que vai de 1961 a 1990.

Marcelo Eduardo Ribaric (Universidade Tuiuti do Paraná), em **A natureza híbrida do filme publicitário**, faz uma revisão bibliográfica sobre a simbiose entre cinema, entretenimento e publicidade e esta última é tema, ainda, de **Imitação publicitária e seus impactos no consumidor**, de Gino Giacomini-Filho (USP), que mostra como a publicidade imitativa pode confundir o consumidor e prejudicar suas decisões.

Fechando a revista, temos **O ciberativismo sem bússola**, uma resenha assinada por Francisco Rüdiger (PUCRS) sobre obra *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*, de Fábio Malini e Antoun Henrique.

Boa leitura!

Ana Taís Martins Portanova Barros,
Alexandre Rocha da Silva,
Suely Fragoso
Comissão editorial Intexto

Copyright (c) 2014 Autor (es) / Copyright (c) 2014 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

